

Engels, etnógrafo do capitalismo?

Lucas Parreira Álvares¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo contrapor as formulações que advogam em defesa da posição de que *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é uma obra fruto de uma investigação “etnográfica”. Para tanto, através de uma análise imanente investigaremos o processo de pesquisa que permeou a produção desta obra de Engels e seus textos suplementares. O argumento é que embora seja possível extrair desta obra certos elementos semelhantes às etnografias contemporâneas, o ato de reduzir a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* nesses marcos implica em uma traição aos próprios pressupostos da investigação de Engels.

Palavras-chave: Etnografia; capitalismo; Friedrich Engels; observação participante.

Engels, capitalism's ethnographer?

Abstract: The purpose of this article is to oppose the formulations that advocate in defense of the position that *The condition of the working class in England* is a work resulting from an “ethnographic” investigation. Therefore, through an immanent analysis we will investigate the research process that permeated the production of this work by Engels and its supplementary texts. The argument is that although it is possible to extract from this work certain elements similar to contemporary ethnographies, the act of reducing the work *The situation of the working class in England* in these milestones implies a betrayal of the very assumptions of Engels' investigation.

Keywords: Ethnography; capitalism; Friedrich Engels; participant observation.

Em novembro de 1842, Friedrich Engels parte da Alemanha para a Inglaterra com uma missão inusitada para aquele jovem que arriscava alguns traços poéticos e estava bastante envolvido com os círculos intelectuais alemães. Sua ida ao país anglicano tinha como justificativa um estágio na empresa *Ermen & Engels*, uma fábrica de algodão cujo nome revela a associação de sua família. Mais que um “estágio”, tratou-se de um momento

¹ Doutorando em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: lucasparreira1@gmail.com.

decisivo no itinerário intelectual de Engels: nos 21 meses em que fez parte da empresa, acentuou consideravelmente seus estudos e pôde viver de perto as intempéries que envolviam os trabalhadores da produção fabril. Como resultado de suas investigações e observações, publicou uma obra capaz de desnudar os segredos da ordem capitalista, levar a público dimensões concretas da sociabilidade vigente e compartilhar com outros trabalhadores a necessidade de superação da sociedade adjetivada por aquele modo de produzir. Nascia, em 1845, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

A composição desta obra e textos a ela complementares, impõe alguns caminhos que contribuem para sua apreensão. O corpo do texto em si, onde é exposta a investigação de Engels é apenas uma de suas faces. O livro foi originalmente escrito em alemão, mas no mesmo ano de sua primeira publicação, Engels escreveu um texto suplementar direcionado aos trabalhadores ingleses: impresso de maneira externa ao corpo do texto, a dedicatória “Às classes trabalhadoras da Grã-Bretanha” foi enviada a partidos, movimentos de trabalhadores e políticos. Nela, já há alguma dimensão do interesse de Engels com sua obra; o público a que ela se dirige; e as intenções que estão nela subjacentes. Também, os prefácios de Engels às edições estadunidense (1887), inglesa (1892) e alemã (1892), oferecem materiais que possibilitam a análise sobre as particularidades existentes nesta importante investigação. Desse modo, a investigação que aqui se inicia terá como referência primária o corpo do texto original de Engels e os demais materiais suplementares que contribuem para entendimento do todo.

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra é uma obra que provocou constantes disputas “metodológicas”. Em função das particularidades que constituem sua investigação, o caráter informativo e analítico desta obra a coloca em uma posição “seminal” para a história econômica, a sociologia e uma série de ciências humanas e sociais aplicadas surgidas ou repaginadas ao longo do século XIX (COTRIM; SOUZA, 2018, p. 15). Com o desenvolvimento das ciências parcelares, diversos intérpretes tentaram reivindicar para si a fração de Engels que cabia a seus respectivos campos de conhecimento. Não bastasse o balizamento nos marcos disciplinares, o objetivo passou a ser a categorização desta obra complexa no interior de subcampos acadêmicos. Desde então, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* já foi anunciada como uma obra de “sociologia urbana” (cf. RIBEIRO, 2019), e frequentemente é tida como a primeira “etnografia urbana” (cf. PATTERSON, 2014; MAGUBANI, 1985; KATZNELSON, 1992).

O objetivo deste artigo é contrapor as formulações que advogam em favor da posição de que *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é um trabalho etnográfico. Para tanto, centraremos nossa investigação no processo que envolveu a produção desta obra de Engels e seus textos suplementares. A partir das determinações contidas nesta importante obra, levaremos adiante algumas proposições que podem se tornar um convite para uma resposta às associações enunciadas que ainda provocam inquietações àqueles que tentaram desvendar as razões e os limites investigativos de um dos principais pensadores do século XX e que possui, em sua biografia, contribuições inestimáveis que constituem versos da “poesia do futuro”.

O primeiro destino de nosso breve itinerário anunciado corresponde ao entendimento de algumas especificidades da investigação de Engels que culminou na obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

No fatídico “Prefácio” à *Contribuição à crítica da economia política*, um dos mais citados textos de Karl Marx e onde se encontra alguma de suas “citações célebres” - como ironizava Althusser - o autor diz que “não se julga o indivíduo pela ideia que de si mesmo faz” (MARX, 2008, p. 48). Pede passagem uma investigação que confronte esta citação de Marx aos pressupostos da pesquisa etnográfica, mas o intuito de trazer tal “citação célebre” neste momento é o cometimento de uma aparente heresia: apresentar o que Engels disse de seu próprio trabalho. Mas isso, não de maneira descolada de sua investigação, mas sim, pela confrontação do que ele diz fazer com o que de fato fez.

Ao falar de sua própria obra, Engels reflete sobre adjetivações de sua pesquisa, suas intenções e até mesmo algumas questões pessoais que atravessaram seu trabalho. É momento de investigarmos três dimensões que comportam a pesquisa de Engels que culminou com a obra em questão. São elas: 1) a pesquisa de documentos oficiais e não oficiais; 2) a pesquisa por observação e relação direta; 3) a dimensão moral suscitada pela experiência de campo.

Durante 21 meses, tive a oportunidade de conhecer de perto, por observações e relações pessoais, o proletariado inglês, suas aspirações, seus sofrimentos e suas alegrias – ao mesmo tempo em que completava minhas observações recorrendo às necessárias fontes originais. Tudo que vi, ouvi e li está reelaborado neste livro. (ENGELS, 2010, p. 41)

Logo no seu prefácio, Engels nos brinda com algumas informações de sua investigação. A primeira delas é que sua experiência junto aos trabalhadores da fábrica *Ermen & Engels* durou 21 meses, ou seja, quase dois anos inteiros. As documentações que comprovam a estadia de Engels em Manchester entre novembro de 1842 ao fim de agosto de 1844 coincidem com o período no qual o autor afirma ter pesquisado a condição do trabalho e dos trabalhadores na fábrica inglesa.

A observação ofereceu ao trabalho de Engels uma adjetivação singular frente a outras investigações anteriores (cf. PARKINSON, 1841; GASKELL, 1833) que tentaram, cada qual a seu modo, apreender os nexos entre os quais os trabalhadores ingleses eram envolvidos. No entanto, Engels não propõe uma primazia da observação frente a outras formas de investigação. Por isso assumiu que ao mesmo tempo em que sua relação com os operários produzia informações imediatas, era fundamental recorrer às “necessárias fontes originais” para completar suas observações.

Nesse aspecto, há uma correspondência íntima entre o que Engels diz de sua obra e o que ele de fato fez. Engels dispôs de uma série de informações de origem concreta e estatística. Se orientando por investigações anteriores e por uma série de documentos oficiais (como “relatórios sobre a condição de

mulheres e crianças na atividade agrícola”, “relatórios sobre a condição sanitária dos trabalhadores ingleses” etc.), pôde se utilizar de materiais quantitativos acerca do número de prisões por crimes penalmente qualificados entre 1805 e 1842 (ENGELS, 2010, p. 168), o aumento considerável da exploração nas minas de carvão (ENGELS, 2010, p. 56), e a densidade demográfica nos principais distritos industriais (ENGELS, 2010, p. 53); também se utilizou de métodos cartográficos, desde uma antiga planta de Manchester que denunciava as falibilidades de sua arquitetura urbanística (ENGELS, 2010, pp. 87-92), até mapas que orientavam o cálculo da ventilação – ou da ausência desta – nas residências operárias (ENGELS, 2010, pp. 98-9).

A profundidade da investigação de Engels revela uma versatilidade notável deste autor no tratamento dos mais variados recursos à sua disposição. É interessante perceber que Engels demonstra um apetite insaciável pelas implicações que, no decorrer desses quase dois anos inteiros, sua investigação suscitou. A imprevisibilidade é sempre um elemento presente nas pesquisas de campo, e provavelmente Engels certamente não devia antever que a “ventilação das residências operárias” fosse um dos aspectos relevantes que sua investigação enunciaria. É comum que os escopos de pesquisas sejam alterados em razão das dinâmicas colocadas no campo, e a convivência com os operários, em seus mais distintos recintos, impôs a ele uma necessidade de se aprofundar em algo que estava geograficamente distante da linha de montagem, mas que intercedia diretamente na condição de saúde do trabalhador fabril.

Pode parecer inusitado insistir nesse argumento, mas subjacente a ele encontra-se adjetivações que compõe a especificidade de sua pesquisa. Engels percebeu com primazia que “todas as grandes cidades têm um ou vários ‘bairros de má fama’ onde se concentra a classe operário” – o que, a propósito, evidencia a associação entre a expansão de agrupamentos urbanos frente à incidência da produção capitalista. Duas das “grandes cidades” por meio das quais Engels se utilizou como exemplo ilustrativo são Londres e Manchester, no entanto, a exposição de sua obra revela que o tratamento dado por esse autor a essas cidades foi distinto. Vejamos, portanto, como Engels lida com a ventilação nos bairros operários em Londres em comparação com o modo que lida nas residências de Manchester.

Referente a capital inglesa, Engels demonstra que “a ventilação na área [residências operárias] é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias” (ENGELS, 2010, p. 70) – não é de se espantar que o bairro com o qual Engels se utilizou de recurso ilustrativo fosse conhecido como “ninho dos corvos” [*rookery*]. Já ao se referir a Manchester, após fazer uma extensa descrição das condições precárias da residência dos operários, Engels confessa: “relendo a descrição que apresentei, devo confessar que, longe de ser exagerada, é muito débil para evidenciar a imundície, a degradação e o desconforto dessa área que abriga, pelo menos, entre 20 e 30 mil habitantes” e que sua “estrutura urbana é um desafio a qualquer princípio de ventilação, salubridade e higiene”. Logo em seguida, completa: “Basta vir até aqui para saber de quão pouco espaço para mover-se, de quão pequena quantidade de ar – e que ar! – para respirar necessitam os

homens e em que tão baixo nível de civilidade eles podem sobreviver quando obrigados pela necessidade” (ENGELS, 2010, pp. 95-6).

Com as informações sobre as condições precárias das habitações urbanas em Londres e a baixa circulação de ar nos bairros operários, Engels, que se dispôs de dados estatísticos e cartográficos para apresentar tal conclusão, afirma que “é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias”. Diferente do ar dos bairros operários de Manchester, cujo tratamento é distinto: “basta vir até aqui para saber /.../ quão pequena [é a] quantidade de ar – e que ar!”. Ou seja, diferente daquele, este ar Engels respirou, e por meio dos apetites da sensibilidade pôde extrair conclusões sobre a péssima condição do ar que os operários respiram em seus ambientes de morada – “e que ar!”.

A consulta aos dados estatísticos, através dos documentos oficiais, parecia não corresponder à dimensão das pretensões e expectativas de Engels. Insaciável, a diferença entre o tratamento dado à circulação de ar nos diferentes bairros operários revela como a observação de Engels contribuiu para o desenvolvimento de sua pesquisa e a conseqüente investigação. Nas palavras do autor, em uma dedicatória redigida para os próprios trabalhadores ingleses que foram seus interlocutores de pesquisa, Engels afirma que *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é

uma obra na qual me esforcei por apresentar aos meus compatriotas alemães um quadro fiel de vossas condições de vida, de vossos sofrimentos e lutas, de vossas esperanças e perspectivas. Vivi entre vós tempo bastante para alcançar o conhecimento de vossas condições de existência, às quais consagrei a mais séria atenção, examinando os inúmeros documentos oficiais e não oficiais que tive a oportunidade de consultar. Contudo, não me contentei com isso: não me interessava um conhecimento apenas abstrato de meu tema – eu queria conhecer-vos em vossas casas, observar-vos em vossa vida cotidiana, debater convosco vossas condições de vida e vossos tormentos; eu queria ser uma testemunha de vossas lutas contra o poder social e político de vossos opressores (ENGELS, 2010, p. 37).

Há certa modéstia nessa afirmação de Engels, pois ele definitivamente não foi apenas uma “testemunha” das condições de vida e das lutas dos operários contra o poder opressivo. Ele participou avidamente dos meios de vida e de trabalho dos operários. A presença deste autor nos bairros pobres de Manchester é apenas um exemplo de que ele realmente conviveu de perto com seus interlocutores através de observações e relações sociais. Em suma, a posição de Engels sobre sua pesquisa corresponde, mais uma vez, ao que ele efetivamente fez.

Há um contraste entre a vida que levava na Alemanha em comparação à que passou a ter na Inglaterra. Nos enleios de uma família bem afortunada, pôde frequentar na infância um ginásio de ótima reputação; sempre esteve diante de círculos artístico e intelectuais e, mesmo que desde jovem tenha manifestado certas resistências a seus meios de vida, não deixou de receber de seus progenitores uma solicitude constante e preocupada, fruto, por óbvio, do fato de que Engels era o herdeiro designado da atividade empresarial da família (STEDMAN-JONES, 1979, p. 388). Era de se esperar que o ato de

frequentar espaços distintos daqueles que normalmente compunham seu cotidiano destilasse espanto à sua família.

Há uma dimensão do afeto que também perpassa a investigação de Engels. Os quase dois anos de pesquisa junto aos trabalhadores da fábrica *Ermen & Engels* representava uma renúncia à vida que tinha à sua disposição, que pode ser entendida também como um “acerto de contas” com seu passado.

Eis como procedi: renunciei ao mundanismo e às libações, ao vinho do Porto e ao champanhe da classe média, e consagrei quase exclusivamente minhas horas vagas ao convívio com simples operários – e estou, ao mesmo tempo, feliz e orgulhoso por ter agido assim. Feliz, porque vivi muitas horas alegres dedicando-me a conhecer vossa verdadeira existência, horas que, de outro modo, seriam dissipadas em conversas fúteis e em cerimônias entediadas; e orgulhoso, porque desse modo pude fazer justiça a uma classe de homens oprimidos e caluniados e à qual, apesar de todos os seus defeitos e de todas as dificuldades de sua situação, só podem recusar estima aqueles que têm alma de negociante inglês; orgulhoso, também, porque assim tive oportunidade de defender o povo inglês do inelutável e crescente desprezo produzido no continente pela política brutalmente egoísta, bem como pela conduta geral, de vossa classe média dominante. (ENGELS, 2010, p. 37)

A experiência vivida em campo pode significar o divisor de águas sobre como o pesquisador se enxerga no mundo. O compromisso com a investigação, e conseqüentemente com os interlocutores, “é importante para conhecer as pessoas intimamente, ver e compreender os conflitos e contradições entre eles e, o mais importante, desafiar nossas próprias ideias e premissas” (SHAH, 2017, p. 51). Talvez Engels já tivesse projetado as conseqüências que esses quase dois anos na *Ermen & Engels* poderiam causar em seu percurso intelectual e nas suas relações familiares. Mas a renúncia aos vinhos e champanhes de classe média aparentemente valeram a pena. Conforme afirmou 40 anos depois de sua primeira estadia naquela cidade, “vivendo em Manchester, por assim dizer eu pegara com as mãos que os fatos econômicos, que até então a historiografia desprezara ou menosprezara, constituem uma força histórica decisiva” e que “eles formam a base dos atuais contrastes de classe” (ENGELS *apud* STEDMAN JONES, 1979, p. 394). E nesse processo as visões, os sons e os cheiros tiveram papel decisivo para o aprimoramento de suas conseqüentes investidas críticas à economia política, a seu modo e a contrapelo.

O segundo destino de nosso itinerário passa pela delimitação do que normalmente é conhecido como “pesquisa etnográfica”, prática que, contemporaneamente, pode ser enunciada como a coluna vertebral do conhecimento antropológico.

O mais notório exemplo de uma produção etnográfica, cujo alcance ainda ressoa além das aulas de Introdução à Antropologia, é *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski. A investigação romântica deste

intelectual nas Ilhas Trobriand – arquipélago próximo da costa oriental da Nova Guiné – não é a primeira etnografia sob a órbita do conhecimento antropológico, mas não há dúvidas de que foi consagrada como a mais influente para as linhagens teóricas que a sucederam.

Quando há algum interesse em conhecer o modo de investigação dos trabalhos clássicos, a “Introdução” desta obra de Malinowski é um texto incontornável. *Argonautas* foi publicado no ano de 1921, época em que a antropologia se definia por investigar “sociedades tribais”, “sociedades primitivas”, “sociedades indígenas” e “sociedades selvagens” – termos que carregavam certa valoração acerca das caracterizações dessas formas sociais. Na famosa “Introdução”, onde Malinowski inaugura uma espécie de “padrão expositivo” das grandes monografias antropológicas, reservando um lugar reflexivo às experiências metodológicas do antropólogo frente a sua experiência em campo, este investigador indica que os objetivos da pesquisa etnográfica podem ser alcançados através de três caminhos:

1. A organização da tribo e a anatomia de sua cultura devem ser delineadas de modo claro e preciso. O método de documentação concreta e estatística fornece os meios com que podemos obtê-la.
2. Este quadro precisa ser completado pelos fatos imponderáveis da vida real, bem como pelos tipos de comportamento, coletados através de observações detalhadas e minuciosas que só são possíveis através do contato íntimo com a vida nativa e que devem ser registradas nalgum tipo de diário etnográfico.
3. O *corpus inscriptionum* – uma coleção de asserções, narrativas típicas, palavras características, elementos folclóricos e fórmulas mágicas – deve ser apresentado como documento da mentalidade nativa. (MALINOWSKI, 1978, p. 33)

Trazendo seus princípios metodológicos a um grau maior de abstração, Malinowski resume os três diferentes caminhos que se utilizou para a investigação dos trobriandeses ao afirmar que, “em breves palavras, o objetivo [da pesquisa etnográfica] é o de apresentar o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, *sua* visão de *seu* mundo” (MALINOWSKI, 1978, pp. 33-4). Tal enunciação pode sugerir uma falibilidade da teoria frente ao trabalho etnográfico de campo, mas Malinowski (1978, p. 23) assegura que não, pois “o pesquisador de campo depende inteiramente da inspiração que lhe oferecem os estudos teóricos”.

É claro que quando pensamos no contexto dos trobriandeses do princípio do século XX, as categorias utilizadas por Malinowski sob influência de seu trabalho de campo não correspondem aos dilemas do capitalismo inglês investigado por Engels. Malinowski trabalhou com uma forma social cujo “tempo de trabalho socialmente necessário” não atingia um terço das fábricas inglesas; uma sociedade onde não podia existir movimento operário porque sequer existia operariado; em que a produção social dos meios de vida era coletiva e em escala infinitamente menor que aquela desempenhada na grande indústria da Inglaterra. Em suma, Malinowski investigou a organização social

dos trobriandeses, e com isso, os elementos que saltaram aos olhos do antropólogo inglês foram distintos daqueles empreendidos por Engels na primeira metade do século XIX em uma fábrica inglesa. O etnógrafo se interessou pela dinâmica do *kula*, um sistema de troca intertribal característico de povos do leste da Nova Guiné; pelo processo técnico de confecção de uma canoa pelos trobriandeses; pelas expressões mitológicas e cerimoniais daquele povo; e por outras determinações características e específicas dos nativos das Ilhas Trombriand.

Os interesses da investigação de Engels eram absolutamente distintos: ele identificou as condições precárias do proletariado; as dinâmicas migratórias provocadas pelo trabalho; a relação entre a extração de matéria-prima, a agricultura e a produção fabril; além, é claro, dos processos de organização de classe por parte dos movimentos operários frente à sua sujeição imposta pela burguesia. O objetivo aqui não passa por uma valoração de um trabalho sobre o outro. Na verdade, queremos enfatizar que, estabelecendo as devidas mediações, pode parecer que a investigação de Engels “cumpre”, a seu modo, as diretrizes enunciadas por Malinowski em sua fatídica “Introdução”.

Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Engels: 1) delineou de modo claro e preciso, com documentação concreta e estatística, a organização dos operários fabris, seja no contexto de suas dinâmicas de trabalho ou mesmo nas atividades de organização de classe; 2) não há dúvidas de que Engels completa o quadro de fontes estatísticas oficiais com os “fatos imponderáveis da vida real”, já que a presença de Engels no cotidiano dos trabalhadores o possibilitou, levando às últimas consequências seus apetites sensíveis, um conhecimento aprofundado das condições de vida e de existência desses operários; 3) e por mais que a terceira diretriz de Malinowski pareça distante da realidade fabril da Inglaterra do século XIX, podemos notar que a religiosidade, as credences e outras expressões subjetivas foram importantes a Engels, porém, com a razão inversa: Engels percebeu que “o Deus deste mundo é o dinheiro” (ENGELS, 2010, p. 154) e que na medida em que se acentua a pobreza dos operários, cresce o desprezo por soluções e respostas místicas.

Até certo ponto, a ilação segundo a qual a pesquisa de Engels cumpre os requisitos de Malinowski não parece nenhum exagero. Uma investigação etnográfica no contexto urbano da Inglaterra oitocentista altera o escopo da “Introdução” de *Argonautas*, mas ainda assim, a condição de Engels frente àquela “comunidade” de trabalhadores da fábrica *Ermen & Engels* o propiciou uma interação sensível a partir da experiência imediata que lhe foi conferida. Além disso, Engels não reduziu sua investigação à dimensão descritiva: produziu e coletou dados; acessou documentos; e não fez *tábula-rasa* do conhecimento previamente existente, mencionando trabalhos anteriores que foram caros à sua investigação. O acesso de Engels a espacialidades destinadas a trabalhadores – seja na fábrica ou em ambientes externos, como bares, moradias e festas – o alçou ao chão dos dramas pessoais, das reivindicações, dos dilemas, e das demais intempéries que orbitavam o cotidiano dos operários ingleses do século XIX.

No entanto, será que tal aproximação pode significar, por sua vez, que Engels produziu uma “pesquisa etnográfica”? Quais as implicações desse enquadramento e por que tal associação provoca certo incômodo?

Por fim, o destino final de nosso breve itinerário será composto por alguns apontamentos sobre as consequências de enquadramento etnográfico da obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels.

Vimos anteriormente que a obra de Engels em questão é distinta frente às investigações precedentes e documentos oficiais que dispuseram, cada qual a seu modo, compreender especificidades das dinâmicas capitalistas no alvorecer da grande indústria. Isso, pois Engels qualificou sua pesquisa não só com uma admirável e diversa fonte de materiais quantitativos, cartográficos, oficiais; ele também usufruiu da aptidão sensível da observação e relação junto a seus interlocutores, o que o propiciou experimentar as sensações e as dinâmicas que envolviam o operariado fabril naquele contexto. Certas semelhanças entre a pesquisa de campo realizada por Engels e as especificidades da etnografia tornaram-se um convite para que alguns intérpretes advogassem em defesa da posição de que a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* pode ser considerada uma pesquisa etnográfica (cf. PATTERSON, 2014; MAGUBANI, 1985; KATZNELSON, 1992).

Houve uma “inflexão epistemológica”² na Antropologia durante as décadas de 60 e 70 do século XX na qual o “o que pesquisar” cedeu lugar ao “como pesquisar”. Esta sequer é uma posição oriunda de pensadores marxistas na Antropologia, mas sim, de um dos mais importantes nomes da antropologia hegemônica: Clifford Geertz (cf. 2001), responsável por propor uma “antropologia interpretativa/hermenêutica”, que por sua vez inspirou diretamente as tradições pós-modernas neste campo de conhecimento. Marcada por investigações sobre formas sociais “primitivas” – adjetivo que corretamente foi extirpado de seu glossário – a antropologia passou a se constituir como uma disciplina cuja razão de ser encontra lugar no seu modo de investigação: a etnografia e sua indissolúvel “observação participante”.

Essa inflexão epistemológica da antropologia se expressa no fato de que um campo de saber que tinha sua especificidade assegurada a partir do âmbito e dos caminhos a serem investigados, passou a guiar-se predominantemente por um elemento constitutivo do modo pelo qual a pesquisa deve ser realizada. Essa mudança abriu o leque antropológico – sobretudo no tocante às possibilidades de investigação de nossa própria sociabilidade ocidental – e passou a se distinguir de outros campos das ciências humanas e sociais não pelo objeto desse campo de conhecimento, mas sim pela suposta especificidade do trabalho desempenhado pelo antropólogo.

É verdade que não é unânime a posição segundo a qual a antropologia se reduz à etnografia³, mas também é notório como as novas possibilidades

² Não intentamos, neste artigo, defender ou criticar esse desvio significativo no escopo da antropologia. Para uma exposição mais atenta sobre o que aqui é chamado de “Inflexão Epistemológica”, conferir Álvares (2018).

³ Tim Ingold sugere que o objetivo da etnografia é “descrever as vidas de outras pessoas para além de nós mesmos, com uma precisão e sensibilidade afiada por uma observação detalhada e por uma prolongada experiência em primeira mão”. Delimitando sua posição, Ingold

etnográficas encontraram respaldo nos caminhos trilhados pela história do pensamento antropológico nas últimas décadas. Mauro W. B. Almeida (2003, p. 9) tem razão quando diz que “a antropologia está em baixa, mas a etnografia está em alta”; que “antropologia da pobreza” soa pretensioso e *démodé*, mas que “etnografia da pobreza” parece soar bem aos ouvidos. Este antropólogo nota com precisão que a disciplina antropológica abdicou da ambição teórica – tão cara entre seus fundadores modernos – em favor da ideia de fazer descrições sem teoria. Essa face etnográfica se assemelha à comparação feita por Marisa Peirano (2014, p. 383) ao sugerir que a etnografia desvinculada da ambição teórica se assemelha a “uma descrição jornalística, ou a uma curiosidade a mais no mundo de hoje”, o que parece pouco frente a uma pretensão que almeja refinamento teórico.

Os dados da Antropologia derivam, em última instância, da observação daquilo que é investigado. O ato de observar e descrever as características presentes em determinada sociedade tribal, por exemplo, é o tipo de trabalho que metamorfoseia o pesquisador em etnógrafo (ÁLVARES, 2019, p. 94). No entanto, a tarefa de observar, descrever e interpretar não é fruto do surgimento da antropologia enquanto campo de conhecimento autônomo. É possível observar, desde a história antiga, a descrição feita por determinado povo acerca de outras culturas. Se fosse esse o critério, os escritos de Heródoto a respeito dos persas poderiam ser caracterizados como escritos “etnográficos” – embora tal ilação adquira contornos visivelmente irrazoáveis.

Somente no entardecer do século XV há uma tentativa de sistematização do modo de compreender outros povos e expressões culturais. No entanto, essa prática ainda era desempenhada por exploradores, aventureiros e missionários, e essa forma de trabalho ainda não exprimia a profundidade e complexidade das etnografias contemporâneas (CONKLIN, 1988, p. 154) – Tampouco era utilizado esse termo para se referir a esse tipo de investigação: a origem do termo “etnografia”, do ponto de vista das ciências humanas e sociais, se origina no ano de 1826 através do geógrafo italiano Adriano Balbi por meio de seu *Atlas etnográfico global*. Todavia o termo “etnografia” ainda não tinha nenhum vínculo com o modo pelo qual tal prática foi absorvida pelo conhecimento antropológico: a utilização feita por Balbi se referia à classificação de grupos humanos através de suas características linguísticas.

Como vimos, foi a clássica monografia *Argonautas do Pacífico Ocidental* que propiciou a Malinowski o reconhecimento, pela literatura antropológica, como o autor responsável por refinar a chamada “pesquisa etnográfica” nos moldes como tal empreendimento é atualmente reconhecido por este campo de saber. No entanto, Malinowski reconhecia as limitações impostas a esse tipo de estudo: “na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são,

argumenta que “aquilo contra o que eu me oponho não é à etnografia enquanto tal, mas ao seu retrato como fim último da antropologia. Creio que a antropologia, ao sucumbir à etnografia, desviou-se do seu propósito apropriado”, o que “impediu os esforços antropológicos de contribuir para o debate de grandes questões de nosso tempo e comprometeu o papel da academia”. Em função disso, Ingold constata que a etnografia “não é um método”, o que não inviabiliza o fato de que ela possui seus próprios métodos, seus procedimentos e seus modos de trabalhar (INGOLD, 2017, pp. 224-5).

indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas” (1978, pp. 18-9). Além disso, também nota que há uma propensão de que as impressões digitais do etnógrafo marquem sua pesquisa, pois é “frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal” (1978, p. 19).

Convém ressaltar que a aproximação da pesquisa etnográfica com o conhecimento antropológico teve motivações adversas às quais ela normalmente é empreendida nas Universidades e empresas contemporâneas. Há uma motivação colonial impregnada na origem da produção etnográfica sob os matizes do conhecimento antropológico. “A colonização não é um fenômeno do século XIX. Entretanto, essa foi a primeira vez em que se teve a oportunidade de estudar sistematicamente os povos que foram colonizados” (ÁLVARES, 2018, p. 109). A investigação de Malinowski moldou, por algum tempo, as formas de fazer pesquisa etnográfica. No entanto, as origens inglesa e francesa da etnografia estiveram assumidamente vinculadas às intenções coloniais. Os primeiros etnógrafos, desvincilhados do conhecimento geográfico e sob a forma como hoje os conhecemos, eram também funcionários a serviço do poder colonial (cf. LECLERC, 1973). Nas palavras de Hunter (*apud* LECLERC, 1973, p. 32), um desses representantes, “estudamos as populações das terras baixas como jamais algum conquistador estudou ou entendeu uma raça conquistada”; “conhecemos a sua história, os seus hábitos, as necessidades, fraquezas até mesmo os seus preconceitos” e, assim, “este conhecimento último fornece-nos a base dessas indicações políticas que, sob a designação de previdência administrativa, de reforma em tempo útil, dão satisfação à opinião pública”.

O conhecimento antropológico e o marxismo são filhos de um mesmo tempo histórico, contudo, nascem por interesses divergentes: a Antropologia surge como uma necessidade da ordem burguesa colonial; já o marxismo, como reação a essa ordem (ÁLVARES, 2019, p. 218). Sopesar essa relação é um exercício importante se quisermos pensar as implicações que a investigação de Engels sobre a *Situação da classe trabalhadora na Inglaterra* pode suscitar aliada aos marcos desta ciência parcelar, cuja fragmentação e especialização foi também uma exigência dos desejos da expansão do capitalismo. Também as motivações que constituíram as ciências parcelares foram confrontadas pelo próprio Engels que, décadas após a publicação de sua obra em questão, afirmou que “desde o momento em que cada ciência tem que prestar contas da posição que ocupa no quadro universal das coisas e do conhecimento dessas coisas, já não há margem para uma ciência especialmente consagrada ao estudo das concatenações universais” (ENGELS, 2011, p. 24).

É possível extrair do texto de Engels alguns elementos condizentes com o modo pelo qual entendemos as adjetivações da chamada “etnografia”. No entanto, podemos ser impelidos a cair nas armadilhas do capitalismo. Nesse sentido, e para concluir, vale elencar alguns motivos demonstrativos de que as implicações de tal posição sobressaem a eventuais vantagens: 1) as intenções originárias da etnografia moderna são antagônicas às pretensões de Engels. Ao

passo que a etnografia se origina como um utensílio frente ao domínio capitalista sobre outros povos, a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* representa um grito do operariado em sua luta contra a burguesia; 2) o advento da etnografia sob a órbita do conhecimento antropológico é também uma reprodução, no interior das ciências, dos desejos e anseios da ordem capitalista; ao passo que tal fragmentação de conhecimento foi também denunciada e confrontada por Engels; 3) as investigações da tradição marxista devem prezar pela apreensão da totalidade dos fenômenos sociais, ao passo que o movimento que a etnografia tem percorrido, desde suas origens, tem sido pelo vetor oposto. Reduzir a complexa e importante obra de Engels nos marcos de um subcampo de conhecimento é, antes de qualquer outra coisa, uma traição a seus próprios anseios.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Mauro W. B. Relativismo antropológico e objetividade etnográfica. *Campos*, Curitiba, n. 3, pp. 9-29, 2003.
- ÁLVARES, Lucas Parreira. Para uma crítica da razão antropológica [parte I]. *Práxis Comunal*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2018.
- _____. Para uma crítica da razão antropológica [parte II]. *Práxis Comunal*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2019.
- CONKLIN, Harold C. “Etnografia”. In: LLOBERA, José R. (Org.) *La antropología como ciencia*. 2. ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1988, pp. 153-66.
- COTRIM, Felipe; SOUZA, L. E. S. de. O jovem Engels e o esboço da crítica da economia política, de 1844. *Anais da VII Conferência Internacional de História Econômica e IX Encontro de Pós Graduação em História Econômica*. São Paulo: 2018, pp. 1-26.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Trad. B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- _____. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal/docs/dosocialismoutopico.pdf>>. Acesso em: 2011.
- GASKELL, Peter. *The manufacturing population of England*. Londres: 1833.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- INGOLD, Tim. Antropologia versus etnografia. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v. 1, pp. 223-9, 2017.
- KARTZNELSON, Ira. *Marxism and the city*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- LECLERC, Gérard. *Crítica da antropologia: ensaio acerca da história do africanismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.
- MAGUBANI, Bernard. Engels: *The condition of the working class in England in 1844 and the housing question (1872) revisited; Their relevance for urban anthropology*. *Dialectical Anthropology*, n. 10, pp. 42-68, 1985.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan

Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
PARKINSON, R. *On the present condition of the labouring poor in Manchester*. 3. ed. Londres-Manchester, 1841.
PATTERSON, Thomas C. *Karl Marx, antropólogo. E-book*. Madrid: Ediciones Belaterra, 2014.
PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-91, Dec. 2014.
RIBEIRO, Wallace Cabral. As grandes cidades e suas contradições: a sociologia urbana de Friedrich Engels. *Revista Outubro*, n. 32, 1. sem. 2019
SHAH, Alpha. Ethnography? Participant observation, a potentially revolutionary praxis. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, n. 7 (1): 45-59.
STEDMAN-JONES, Gareth. “Retrato de Engels”. In: HOBBSWAM, E. (Org.). *História do marxismo*, v. 1, pp. 377-422, 1979.

Como citar:

ÁLVARES, Lucas Parreira. Engels, etnógrafo do capitalismo? *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 26, n. 2, pp. 194-206, jul./dez. 2020.

Data do envio: 31 ago. 2020

Data do aceite: 20 out. 2020

